



A realidade da cidade grande acaba com muitos sonhos ainda na Rodoviária

Maioria não consegue trabalho

Nem sempre fugir da miséria e da fome vindo para Brasília acaba sendo uma solução para os migrantes. Quando chegam ao CAS eles recebem o aviso de que só poderão permanecer no albergue por um período máximo de 30 dias. Mas isso raramente é o que acontece, muitos chegaram a cerca de nove meses. "Ao assumir este cargo encontrei pessoas que estavam aqui há dois anos, eles voltaram para seus estados. Mas nem todos entendem que o albergue é uma acomodação provisória até que o migrante consiga se instalar na cidade", ressalta Janilson Teles.

Os albergados dificilmente conseguem chegar ao mercado de trabalho por falta de especialização, o que os impede de alugar um imóvel, mesmo que modesto, e de viver em situação regular na cidade. "Estou aqui há oito meses e às vezes faço bicos. Sou borracheiro mas até agora não tive uma boa oportunidade de emprego," afirma João Antônio de Carvalho. Apesar do CAS oferecer as três refeições ao dia para os migrantes, a maioria cozinha ao menos o jantar no próprio dormitório em fogões e fogareiros improvisados.

As acomodações acabam se transformando em residências, muitos pais trabalham fora em serviços alternativos enquanto as mulheres cuidam dos filhos. Maria Edineide Trajano Barbosa fica com cinco filhos pequenos no alojamento durante o dia, período que o marido trabalha numa construção próxima ao CAS. "Os CR\$ 2 mil que ele recebe por semana não dá para pagarmos um aluguel, compramos apenas comida para as crianças que não gostam da sopa que é servida à noite," diz a migrante.

Maria Edineide revela que esta é a segunda vez que vem para Brasília a fim de fugir da fome. "Estive aqui em 1985, fiquei num albergue em Sobradinho e consegui passagem com políticos para voltar a Fortaleza. As condições não são das melhores, mas para o Ceará eu não volto mesmo tendo de continuar acomodada assim com uma cama e um berço para mim, o marido e cinco filhos", garante. A desorganização e sujeira do albergue é hoje uma das maiores reclamações dos migrantes. O baiano Joaquim Barbosa de Jesus classificou o local como "uma favela sem barracos".